

Virgínia Leone Bicudo: Um capítulo da história da psicanálise brasileira**

Não tive a felicidade de conhecer pessoalmente Virgínia Leone Bicudo, mas o Instituto de Psicanálise, ao qual pertencço, da Sociedade de Psicanálise de Brasília, fundada por ela, leva o seu nome. Grande parte ou a totalidade dos analistas da Sociedade fizeram análise, supervisão, foram seus alunos ou seus amigos. As ideias e as “falas” de Virgínia Bicudo são lembradas em reuniões, seminários teóricos e clínicos, discussões institucionais, etc. Dona Virgínia, como carinhosamente é chamada por aqueles que a conheceram, ainda é um membro ativo da Sociedade.

Contudo, quem é a psicanalista Virgínia Bicudo? São suas ideias e sua obra, no sentido de Calvino (1981/2007), clássicas e contemporâneas, enquanto são atuais no sentido de Agamben (2006/2009)?

Certamente, a produção de Virgínia Bicudo não pode ser definida ou enquadrada em tais conceitos apesar da envergadura intelectual desses autores e a abrangência de tais termos. Virgínia, independentemente da sua expressiva atuação editorial e da produção de artigos, não desenvolveu conceitos originais que provocaram rupturas ou mudanças paradigmáticas no conhecimento psicanalítico. Sua grande obra foi a dedicação ao desenvolvimento da psicanálise por seu empenho nas atividades de formação, na promoção do intercâmbio de ideias por meio do incentivo de publicações psicanalíticas e de seminários com autores estrangeiros – principalmente em São Paulo e Brasília –, e também na institucionalização e expansão da psicanálise para além das cidades sedes das Sociedades e dos Institutos.

Inspirado por Mauss (1938/1974), Gomes (2013) faz um olhar antropológico à origem do nome *Leone Bicudo* e explicita a dinâmica social que o envolve. Assim é possível conhecer um pouco mais de Virgínia Leone Bicudo.

Nascida em 1910, na cidade de São Paulo, seu nome expressa uma configuração e uma dinâmica social que marcou o Brasil no início do século XX e final do século XIX. Filha de Giovanna Leone, uma imigrante italiana vinda da Sicília (Itália),

* Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

**Na pesquisa sobre Virgínia Bicudo tive o apoio de várias pessoas e instituições, sem as quais não poderia escrever esse ensaio, texto. Agradeço a Ronaldo Mendes de Oliveira Castro e a Maria Silvia Regadas de Moraes Valladares pela disponibilidade para longas conversas sobre Virgínia Bicudo, e aos colegas da Sociedade de Psicanálise de Brasília que conviveram com Virgínia Bicudo, por partilharem suas experiências com ela. Lannusa Castro, secretária-executiva da Sociedade de Psicanálise de Brasília, pelo apoio bibliográfico. Agradeço aos funcionários da biblioteca da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo que me forneceram documentos importantes para a confecção desse trabalho. Nas pessoas de Maria Ângela Moretzsohn e Maria Helena Teperman, da Divisão de Documentação e Pesquisa da História da Psicanálise da SBPSP, agradeço aos membros dessa divisão pelo apoio prestativo e ágil.



cujos pais, em busca de melhores condições de vida, se instalaram no Brasil na fazenda Matto Dentro do Jaguari, na cidade de Campinas no estado de São Paulo.

Seu pai, Teófilo Júlio Bicudo, perdeu a mãe escrava ainda criança, foi criado por Bento Bicudo, dono de uma das maiores e mais importantes fazendas produtoras de café da região. Bento Bicudo, liderança política estadual, foi um dos fundadores do jornal *O Estado de São Paulo*¹ e incentivou Teófilo Julio Bicudo a se dedicar às atividades educacionais e intelectuais.

Após o casamento, seus pais, Julio e Giovanna – esta já com o nome abrigado para Joana –, transferem-se para a cidade de São Paulo, também numa tentativa de melhores condições de vida. A busca de prosperidade era algo presente na família Leone, assim como entre os outros imigrantes que ancoraram no Brasil no final do século XIX. Com certeza, essa foi a intenção que trouxe os Leone para o país, e que também motivou Teófilo Bicudo e sua família a deixar o interior e migrar para a capital do estado².

Assim, Leone e Bicudo eram nomes que circulavam pelo mesmo espaço social, o da fazenda, exercendo papéis diversos – o escravo, o imigrante, o do dono das terras – ao mesmo tempo em que, esses mesmos atores começavam a conformar uma nova estrutura e organização social no espaço urbano.

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil estava em ebulição. Brasileiros trocavam tiros e ideias no Rio de Janeiro – a capital de então –, o mesmo ocorrendo no Norte, no Nordeste e em São Paulo – o foco de irradiação industrial na época – assim como no Rio Grande do Sul. Houve rebeliões tenentistas em 1922, 1924 e 1927, culminando este processo de levante contra as velhas oligarquias agrário-exportadoras dos “barões do café”, na Revolução de 1930. Dessa maneira, segundo Lobo (1994), eclodiu algo que estava latente no país, induzindo à criatividade e a confusões no quadro de valores e comportamentos vigentes (p. 49).

Nesse pós-guerra, o país vivia um paradoxo com a combinação do nacionalismo crescente, *vis à vis* com o interesse cada vez maior pelas novas ideias, movimentos

1 *O Estado de São Paulo* é um dos principais jornais do Brasil publicado na cidade de São Paulo desde 1875.

2 A cultura do café, eixo dinâmico da economia no final do século XIX e começo do século XX, estava concentrada no Estado de São Paulo, o que dava aos proprietários das fazendas produtoras desse produto um forte poder político. Eram os chamados “Barões do Café”. No entanto, a dinâmica da cultura do café – a economia cafeeira ou o complexo cafeeiro –, apesar de ser uma atividade rural, engendra um forte núcleo urbano com conexões para além do Brasil. Cano (1975/1981) e Silva (1976/1986).

artísticos etc., que se produziam “fora do país”, mantendo o objetivo de conhecer e aprender mais a realidade brasileira. Segundo Oliveira (2005): “Esse contexto caracterizava um movimento particular da estruturação da subjetividade dos paulistas [e dos brasileiros], provocado pelo impacto da nova ordem cultural e econômica [...], estava pavimentado o caminho para a introdução das ideias psicanalíticas no Brasil” (p. 55).

Esse contexto era extremamente fértil para o conhecimento e a difusão das ideias freudianas como vetor de possível compreensão dos movimentos sobrepostos em curso.

O moderno em marcha

Nas primeiras décadas do século XX, as ideias de Freud começaram a circular na imprensa, na universidade de medicina, no meio intelectual e artístico. É nesse período que ocorre o cruzamento do ideário freudiano e do movimento modernista na cidade de São Paulo³ 4. O grande fato desse movimento foi a Semana de Arte Moderna, realizada em 1922. Uma experiência, uma revolução estética sem precedentes na história da cultura brasileira, que marcou e sintetizou a intensa transformação ocorrida na capital paulista e no Brasil⁵.

No curso dessas transformações, a cidade de São Paulo possuía um papel de destaque em função da sua centralidade na dinâmica do complexo cafeeiro, predominante no final do século XIX e início do século XX e, por consequência, na economia nacional. Tornou-se uma efervescência social, política, econômica e cultural que, em parte, explica a eclosão do movimento modernista em São Paulo⁶.

No bojo dessas mudanças socioculturais, ocorreram mudanças no papel da mulher nessa nova sociedade urbana. Apesar de serem em número diminuto, elas reivindicaram o direito de voto e participação na vida pública, além de novas posturas cotidianas nas ruas da cidade. A nova dinâmica societária permitia que as mulheres ocupassem novos espaços na vida social fora da vida cotidiana do *lar*. Virgínia Bicudo e Bertha Lutz, figura emblemática da luta feminista entre outras, foram exemplos de mulheres que ocuparam novos espaços na sociedade imersa em uma estrutural transformação⁷.

Nesse período, o olhar atento ao cotidiano da cidade mostra que existia interesse por tudo aquilo que era pautado pela *ideia de modernidade* e de vida cosmopolita: a publicidade, os costumes, as novas formas de comportamento etc.⁸. Uma

3 Ver Oliveira (2005); Abrão (2010).

4 Para Bosi (1970/1985), o Modernismo é uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações, um esforço de penetrar na realidade brasileira e um conjunto de experiências de linguagem na literatura brasileira (p. 375). Em outras palavras, foi toda uma época da vida do povo brasileiro, num largo processo social e histórico, fonte e resultado de transformações que ultrapassam largamente os seus limites estéticos como afirma Martins (1967), citado por Lobo (1994).

5 A literatura acerca da Semana de Arte Moderna de 1922 é vasta; à guisa de exemplo cito Bosi (1970/1985) e Gonçalves (2012).

6 Um olhar mais amplo dessas transformações e os impactos na subjetividade emergente nacional estão em Novais (1998). Nas palavras de N. Sevcenko (1992): “São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescentes das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era moderna, mas já não tinha passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não ser devorados.” (p. 31).

7 Ver Maluf e Mott (1998); Rocha e Haudenschild (2004).

8 Segundo N. Sevcenko, o vocábulo *moderno* condensa, assim, conotações que se sobrepõem em camadas sucessivas e cumulativas, que lhe dão expressiva força pautada por três contextos presentes: a revolução tecnológica, resultado da primeira e segunda revoluções industriais, a passagem do século, e o pós-guerra. Esse termo “introduz um sentido à história, alterando o vetor dinâmico do tempo que revela sua índole não a partir de algum ponto remoto no passado, mas de algum lugar no futuro. O passado é, aliás, revisitado e revisto para autorizar a originalidade absoluta do futuro” (Sevcenko, 1992, p. 228).

sociedade que demanda o novo, busca explicações *científicas* para o presente, e onde o passado não é mais uma referência para o futuro.

No bojo dessas profundas transformações na sociedade, a psicanálise encontra um espaço favorável e conflituoso para a sua difusão em larga escala – artigos em jornais, livros, palestras, cursos na Faculdade de Medicina de São Paulo etc. – por meio da sua estreita ligação com o movimento modernista. O legado freudiano, no início do século, não foi assumido como um recurso terapêutico, mas como um modelo teórico que se inseria nas preocupações modernistas. Não por outra razão, a literatura freudiana era de conhecimento dos principais intelectuais desse movimento⁹.

Entretanto, e não de maneira menos importante no processo de difusão da psicanálise em São Paulo, participaram dois médicos: Franco da Rocha e Durval Bellegarde Marcondes. O primeiro deles, neuropsiquiatra, foi professor da Faculdade de Medicina de São Paulo – instituição que posteriormente tornou-se Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – e um dos pioneiros na utilização da terapêutica freudiana e difusão das ideias freudianas. Já o segundo, Marcondes, foi psiquiatra, escritor, poeta, modernista, e tradutor das obras de Freud; foi também um dos principais articuladores da institucionalização e difusão das ideias psicanalíticas em São Paulo, e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo¹⁰.

Assim, a história de São Paulo, da psicanálise e do modernismo, no primeiro quartil do século XX, está intimamente associada à história de Virgínia Leone Bicudo. A cidade que, embalada pelos ventos de prosperidade, acolhia pessoas das mais diferentes origens, pessoas como ela – filha de imigrantes e ex-escravos –, que chegavam em busca de oportunidades de prosperidade e de novas ideias que pudessem aportar conhecimentos para compreender uma sociedade em contínua transformação.

Virgínia não foi protagonista do processo que promoveu o entrecruzamento entre a psicanálise e o modernismo, nem uma intelectual que nele atuou, mas sua história é fruto dessa época¹¹.

Virgínia Leone Bicudo, além de exercer o *ofício* de psicanalista, foi educadora sanitária, visitadora psiquiátrica, socióloga – a única mulher numa turma de oito alunos formados –, professora universitária, divulgadora científica e protagonista de diversas iniciativas no plano da institucionalização, da divulgação e da interiorização da psicanálise no Brasil.

Em 1945, defendeu a dissertação de mestrado denominada *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Os resultados da pesquisa questionavam e contrarrestavam mitos e visões tradicionais, vigentes em 1940 e 1950, que postulavam a existência de uma harmonia racial no Brasil. O trabalho de Bicudo, em conjunto com outros da Escola Livre de Sociologia e Política, após algumas décadas de sua publicação, está em sintonia com a atual produção de trabalhos e resultados sobre o tema, o que revela o seu protagonismo e sua atualidade nos estudos sobre relações sociais no Brasil¹².

9 Os modernistas se interessavam, principalmente, por *Totem e tabu*, *A interpretação dos sonhos* e *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Boaventura, citado por Oliveira, 2005).

10 Durval Marcondes foi um dos principais responsáveis pela consolidação do movimento psicanalítico em São Paulo, com ramificações em outras localidades brasileiras. Com Franco da Rocha, outros médicos, pedagogos, intelectuais e escritores, fundou a Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP), em 1927. Sete meses após a fundação da SBP foi criada, em 1928, a *Revista Brasileira de Psychanalyse* (RBP), mas que não passou do primeiro número. Iniciativas que tiveram uma vida efêmera, pois o sentido da instituição e da revista era apenas o de divulgar e discutir o ideário freudiano dentro do escopo modernista. Ver Galvão (1967); Montagna (1994); Sagawa (2001); Oliveira (2005).

11 Ver Bicudo (1989b).

12 Ver Maio (2010).

Em 1937, Virgínia Bicudo iniciou a sua análise com a psicanalista alemã Adheleid Lucy Koch, formada pelo prestigiado *Berliner Psychoanalytische Institut* (BIP) da *Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft* (DPG), e recém-chegada da Alemanha em 1936, imigrando em função do conflito bélico mundial. A presença de Koch, em São Paulo, é também um dos resultados do trabalho de Durval Marcondes junto à Associação Internacional de Psicanálise (IPA) para a institucionalização da psicanálise em São Paulo no enquadre desta Associação¹³.

Assim, Bicudo, Marcondes, Darcy de Mendonça Uchoa e Flávio Dias, integram o grupo que dará início à trajetória da edificação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) – reconhecida pela IPA em 1951, no Congresso Internacional da IPA de Amsterdã – a primeira na América Latina¹⁴. Virgínia ficará nessa instituição até falecer, em 2003.

Virgínia foi a primeira candidata *não médica* do núcleo inicial do Grupo Psicanalítico de São Paulo. Vale registrar tal fato, pois ela deixará uma marca distintiva e duradoura na formação de futuras gerações de psicanalistas, que perdura até hoje, principalmente na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e na Sociedade de Psicanálise de Brasília: a formação de leigos¹⁵.

A singularidade, a ousadia e a perseverança – características da personalidade de Virgínia Bicudo – podem ser observadas também no início da sua formação: a única mulher negra em um grupo predominante masculino, a única que não possuía a carreira de médica e tinha uma condição econômica menos abastada.

Nessa época, Bicudo dispunha apenas dos vencimentos de professora que eram destinados a custear suas despesas pessoais e auxiliar sua família, tarefa que desempenhava desde a morte do seu pai. Assumindo que o magistério no Brasil, em 1930, possuía maior prestígio social do que nos tempos atuais, ainda assim, os valores percebidos eram inferiores aos dos seus colegas médicos¹⁶.

A partir do início da sua análise, desenvolverá paralelamente e por alguns anos, as carreiras de socióloga e psicanalista até se dedicar totalmente à psicanálise. Em 1955, torna-se analista didata e supervisora, função na qual marcará profundamente gerações de psicanalistas.

Outra atividade à qual Bicudo se dedicou, de várias formas, foi a divulgação e a preocupação com iniciativas sociais da psicanálise. Em 1950, Virgínia teve um programa veiculado em uma expressiva rádio da cidade de São Paulo; em 1954, publicou semanalmente uma série de artigos em um jornal de grande circulação em São Paulo, e também um livro, *Nosso mundo mental*; logo depois, em 1956, publicou uma coletânea de parte dos artigos escritos para o jornal.

Dessa maneira, e utilizando-se desses meios de comunicação de massa, divulgava o saber psicanalítico por intermédio de orientações relacionadas à educação infantil ou a questões emocionais vividas no cotidiano. O trabalho de Bicudo não se restringia apenas a uma aplicação do saber psicanalítico produzido até então na Europa, mas era também uma leitura da psicanálise em sintonia com as demandas da população brasileira¹⁷.

O destaque conferido a Bicudo, não se deve só pelo fato de ser uma das pioneiras do movimento psicanalítico de São Paulo e do Brasil, e dos trabalhos citados, mas também

13 Ver Galvão (1967); Nosek (1994); Sagawa (2001); Oliveira (2005); Giovannetti (2017).

14 Posteriormente integraram-se ao grupo como candidatas: Frank Phillips e Lygia do Amaral, entre outros.

15 Ver Freud (1926/1980).

16 Ver Abrão (2010); Sagawa (1994).

17 Ver Abrão (2010).

devido ao fato de que a demanda pela psicanálise se iniciou pela busca de um recurso terapêutico, sua própria análise. Depois é que vieram os estudos do marco teórico freudiano e mais tarde a prática clínica. A busca pela compreensão do seu sofrimento foi uma invariante em sua vida. Sua biografia vai se constituir num contínuo trabalho pela superação dos seus conflitos pessoais, em parte gerados pelos preconceitos raciais, assim como uma procura de desafios e uma demanda pelo novo. A sociologia e a psicanálise são instrumentos que descobre com o objetivo de se entender e tentar compreender a natureza humana e o seu sofrimento, além do seu próprio¹⁸.

Como psicanalista foi uma das introdutoras das ideias kleinianas e das obras de W. R. Bion na SBPSP, e uma das pioneiras da psicanálise de crianças no Brasil, introduzindo essa especialidade nessa Sociedade. Estruturou e foi diretora do Instituto da SBPSP por cerca de 14 anos. Incentivou o relançamento da *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 1967, com o intuito de divulgar trabalhos dos psicanalistas brasileiros e do *Jornal de Psicanálise*, em 1966, com o objetivo de divulgar os trabalhos dos candidatos e analistas do Instituto da SBPSP¹⁹. Fundou o núcleo psicanalítico que daria origem à Sociedade de Psicanálise de Brasília e, nos anos setenta, a *Revista Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, da qual o autor desse ensaio também foi editor.

Dessa forma, ela *inscreveu* seu nome na história da cultura brasileira e na história da psicanálise por meio de ideias e princípios que balizaram a formação e a prática de gerações de psicanalistas.

Já como analista didata, Virgínia Bicudo esteve em Londres entre 1955 e 1960, onde fez análise, participou de atividades na *Tavistock Clinic* e no *London Institute of Psychoanalysis*. Nesse período, teve um contato estreito com o grupo kleiniano, entre eles W. R. Bion e Melanie Klein.

Se nos anos 20, Virgínia Bicudo esteve envolvida, indiretamente, na eclosão e nos ecos do movimento modernista em São Paulo, em Londres, no final dos anos 50, encontra as repercussões das *controvérsias* na Sociedade Britânica e do *Grupo de Bloomsbury*, que, no primeiro terço do século passado, reunia os nomes da vanguarda das artes inglesas, alguns desses com estreitos vínculos com o movimento psicanalítico e com críticas à *era vitoriana*. Em Londres e em São Paulo, Bicudo esteve imersa em clima cultural de transformações, fruto de uma concentração de pensadores da cultura que apontavam para novos vértices de reflexão sobre a dinâmica societária e a psicanálise²⁰.

Ao voltar de Londres, Virgínia Bicudo passa a participar ativamente das reuniões da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), e marca o início de um novo ciclo na sua vida ao se engajar em projetos de grande repercussão no cenário psicanalítico brasileiro; assume, paulatinamente, uma posição de liderança na SBPSP e no movimento psicanalítico nacional.

Ao longo do período que esteve à frente do Instituto da SBPSP – instância que formula as diretrizes teóricas e clínicas da formação dos psicanalistas – difundiu o modelo londrino de transmissão e de formação psicanalíticas, que, até então, estava centralizado em Adheleid Koch, quem desenvolvia a mesma linha do Instituto de Psicanálise de Berlim, com o predomínio do estudo das obras de Freud. Bicudo introduziu o pensamento de Melanie Klein no programa do Instituto e começou a proferir cursos a propósito das ideias bionianas²¹.

18 Ver Meyer (2004); Candiota e Favilli (1977).

19 Ver Galvão (1976).

20 Ver Moretzsohn (2013); Nosek (2017); Rouanet (2017).

21 Ver Bicudo (1988).

Outro fruto do período londrino – em que frequentou cursos com John Bowlby, assistiu seminários, alguns deles com Klein no Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica, e fez o curso de observação de bebês e supervisões de análise de crianças com Esther Bick – foi o estímulo da inclusão, no curso de formação do Instituto de São Paulo, da formação de analistas de crianças, com a colaboração de Lygia Alcântara do Amaral, Frank Philips e Izelinda de Barros. Foi institucionalizado em 1981, mas desenvolvido nos anos 70, com a colaboração de psicanalistas argentinos – Arminda Aberastury, Mauricio Knobel e Eduardo Kalina – e do casal uruguaio Prego e Silva²².



Ao mesmo tempo, outro vértice importante para a formação e transmissão da psicanálise segundo o pensamento de Virgínia Bicudo, era a necessidade de que a formação dos psicanalistas fosse multidisciplinar e imersa na tradição humanista. É nesse contexto que o sofrimento humano deveria, segundo Bicudo, ser abordado pelos psicanalistas na sua principal atividade: a clínica. A origem dessa preocupação assenta-se em sua história de vida, uma mulher do seu tempo. Formada intelectualmente no *Iluminismo*, com experiências multiculturais tanto em São Paulo quanto em Londres, filha de imigrantes e ex-escravos, e que vivenciou na sua pessoa os preconceitos de gênero e raça.

Enquanto diretora do instituto, Virgínia Bicudo postulou que algumas áreas do conhecimento deveriam estar presentes na formação dos psicanalistas. Segundo Barcellos (1976), que analisou atas das reuniões da SPBSP, em 2 de março de 1966, a então diretora do instituto manifesta: [...] a Profa. V. Bicudo sugeriu introduzir [n]o *currículum do curso teórico de psicanálise, dez (10) disciplinas de cultura geral*: “Antropologia, Religião, Filosofia, Arte, Mitologia, Psicoterapia de Grupo, Psicanálise de crianças, Genética aplicada ao Homem, Neurofisiologia, Metodologia Científica” (p. 26). A proposta não se desenvolveu no âmbito da instituição.

Esse mesmo modelo de formação teórica é sustentado por Virgínia (Bicudo, 1976) na semana de comemoração dos 25 anos da SBPSP, e durante os 12 anos em que esteve à frente do Instituto de Psicanálise de São Paulo:

O fator isolamento como defesa também é anacrônico e restritivo no sentido de não contar com as vantagens de um trabalho em concerto interdisciplinar. Freud pensou psicanaliticamente sobre assuntos referentes à biologia, arte, religião, antropologia, sociologia. Dessa abertura mental, os psicanalistas foram retirando-se cada vez mais, com uma atitude restritiva com repercussões até na seleção de candidatos, limitando-a quase que exclusivamente aos médicos. Quanto aos prejuízos desse isolamento de casta, nos defrontamos com um acervo de conhecimentos desprovidos de uma sistemática metodológica e com a perda de colaboração de elementos capazes de valiosas contribuições. (p. 72)

Em entrevista ao *Projeto Memória da SBPSP*, em 1988, Virgínia Bicudo volta a defender a formação dos analistas no contexto da multidisciplinaridade, das múltiplas áreas do conhecimento. O sofrimento humano não deve ser apreendido apenas sob a ótica do psicanalista e a prática psicanalítica pode ser ricamente subsidiada por outras áreas do conhecimento para apreender a dor da alma humana.

22 Ver Bicudo (1988); Perestrello (1992); Abrão (2001).

Outro feito institucional de Virgínia Bicudo foi a fundação da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb), um dos importantes vetores da interiorização da psicanálise no Brasil, país de dimensões continentais, no qual a psicanálise ficou de início concentrada em três centros urbanos: Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, e onde atualmente existem Sociedades de Psicanálise em várias localidades do interior e em outros estados do país²³.

As ideias iniciais da fundação da SPBsb originam-se no período londrino de Bicudo (1955 a 1960), que acompanhou a construção da nova capital do Brasil, Brasília, por meio de programas mensais da BBC. Apesar da distância, o estreito vínculo com o país permanecia e a construção da cidade a instigava. Segundo ela (Bicudo, 1989a):

[Quando] voltei ao [Brasil] e na primeira semana fui ver Brasília. Vi aquele horizonte aberto, naquela esplanada e pensei: “eu quero vir para Brasília algum dia”. [...] Mas quis primeiro trazer para São Paulo o que aprendi em Londres. [...] O que acontecia em Brasília era uma migração de gente: os candangos, o pessoal do governo, gente do estrangeiro. Eu pensava: “está havendo um verdadeiro *melting pot* cultural e a Psicanálise será muito importante nesta cidade. Estão vindo pessoas do estrangeiro onde há Psicanálise e poderemos dar uma contribuição a todos no trabalho de ambientação.” De fato dava! A Psicanálise dava uma contribuição. Assistimos a isto. Pensei em levar a Psicanálise à capital do país e acho que foi acertado. (p. 15)

As ideias de Virgínia e a preocupação em levar a psicanálise para Brasília talvez acalentassem o sonho de que o legado psicanalítico pudesse tratar do *poder* (instalado agora na nova capital) e, desta forma, do Brasil²⁴. Mas o fato é que, em 1970, Bicudo está no Distrito Federal e inicia a concretização de levar a psicanálise para “aquele horizonte aberto”. No início, para lecionar na Universidade de Brasília (UnB) e fazer a análise dos interessados a empreender um processo psicanalítico.

É assim que, ao longo de mais de uma década, Virgínia Bicudo se dividirá entre São Paulo e Brasília e, na companhia de outros psicanalistas paulistas junto com colegas de Brasília, construirá a Sede-Brasília do Instituto de Psicanálise da SBPSP, embrião da Sociedade de Psicanálise de Brasília. A condição de *Sociedade Componente* da IPA ocorreu para a SPBsb, somente, em 2004 no Congresso de Nova Orleans.

Na trajetória de constituição desse novo núcleo de psicanálise fora da SBPSP, Bicudo inovou institucionalmente o funcionamento das entidades psicanalíticas. A experiência de o analista didata deslocar-se da sede do seu instituto de origem para outra localidade, no caso, da cidade de São Paulo para a cidade dos seus analisados, para a realização de análises didáticas, assim como a instituição da *análise didática condensada*, constituíram dispositivos novos nos Institutos de Formação²⁵.

As preocupações com a divulgação da psicanálise continuaram em Brasília. Após o êxito da *Revista Brasileira de Psicanálise* e do *Jornal de Psicanálise*, do Instituto da SBPSP, Bicudo cria a revista *Alter – Jornal de Estudos Psicodinâmicos* (hoje *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*), cujo primeiro número foi publicado em outubro de 1970, publicação que perdura até os dias de hoje como um veículo da

23 Os textos de Ronaldo M. de O. Castro e Tito Nicias R.T. Silva, os primeiros candidatos e analistas didatas da SPBsb, narram a saga da construção desta sociedade e a centralidade de Virgínia Bicudo nesta história. Ver Castro (2017); Silva (2017); Bicudo (1989a). Perestrello (1992) tece os elementos da configuração geográfica da psicanálise no Brasil.

24 Ver Castro (2017).

25 Ver Castro (2017).

divulgação dos trabalhos dos membros do Instituto, da SPBsb e da comunidade psicanalítica brasileira - um patrimônio da comunidade psicanalítica brasileira.

Virgínia Bicudo foi ainda uma fértil autora psicanalítica, com artigos publicados em jornais nacionais e internacionais, sendo o primeiro membro da SBPSP a publicar, em 1964, no *International Journal of Psychoanalysis*. Apesar da sua ampla produção, ainda não há uma precisa sistematização dos seus artigos. Uma tarefa por realizar no estudo do desenvolvimento da psicanálise brasileira.

Finalmente, pode-se dizer que escrever sobre Virgínia Leone Bicudo é dissertar, não somente sobre uma protagonista da psicanálise brasileira, mas também sobre um capítulo da história da psicanálise e da cultura brasileira.

Referências

- Abrão, J. L. F. (2001). *A história da psicanálise de crianças no Brasil*. São Paulo: Escuta.
- Abrão, J. L. F. (2004). *A tradição kleiniana no Brasil: Uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano*. Tese de doutoramento. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Abrão, J. L. F. (2010). *Virgínia Bicudo: a trajetória de uma psicanalista brasileira*. São Paulo: Arte e Ciência.
- Agamben, G. (2009). O que é contemporâneo? e outros ensaios. Em V. N. Honesko (trad.), *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos. (Trabalho original publicado em 2006).
- Barcellos, R. (1976). *Algumas anotações biográficas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*. São Paulo: Mimeo.
- Bicudo, V. L. (1956). *Nosso mundo mental*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural. (Trabalho original publicado em 1954).
- Bicudo, V. L. (1964). Persecutory guilt and ego restrictions. *International Journal of Psychoanalysis*, 45(2), 358-365.
- Bicudo, V. L. (1976) O Instituto de psicanálise da SBPSP. *Alter - Jornal de Estudos Psico dinâmicos*. 6(3), 66-76.
- Bicudo, V. L. (1981). Contribuições de Melanie Klein à psicanálise segundo minha experiência. *Alter - Jornal de Estudos Psicanalíticos*, 11(1,2,3), 66-76.
- Bicudo, V. L. (1988). Aspectos históricos do desenvolvimento da psicanálise da criança no Brasil. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 22(4), 659-660.
- Bicudo, V. L. (1989a). Conversando sobre formação. *Jornal de Psicanálise*, 44.
- Bicudo, V. L. (1989b). Entrevista com Virgínia Bicudo. *Projeto Memória*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- Bicudo, V. L. (2010). *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Sociologia e Política. (Trabalho original publicado em 1945).
- Bosi, A. (1985). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- Calvino, I. (2007). Por que ler os clássicos. Em N. Maulin (trad.), *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1981).
- Candiota, L. R. S e Favilli, M. P. (1977). Adivinhe quem vem para jantar? Uma conversa com a Prof. Virgínia L. Bicudo. *Revista IDE*, 3(4), 7-13.
- Cano, W. (1981). *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz. (Trabalho original publicado em 1975).
- Castro, R. M. O. (2017). História da psicanálise em Brasília. *Revista Brasileira de Psicanálise: Febrapsi, 50 anos*. (Número comemorativo), 57-68.
- Freud, S. (1980). A questão da análise leiga. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Galvão, L. A. P. (1967). Notas para a história da psicanálise em São Paulo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1(1), 46-66.
- Galvão, L. A. P. (1976). Pré-história e história da Revista Brasileira de Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 10(1), 7 -11.
- Giovannetti, M. F. (2017). Breves notas sobre 90 anos de história. *Revista Brasileira de Psicanálise* (Número especial), 57-68.
- Gomes, J. D. (2013). *Os segredos de Virgínia: estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)*. Tese de doutoramento. Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Gonçalves, M. A. (2012). *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lobo, R. (1994). As mudanças históricas e a chegada da psicanálise ao Brasil. Em L. Nosek (org.) *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo* (pp. 49-55). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Maio, M. C. (2010). Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. *Cadernos Pagu* (35), 309-355.
- Maluf, M. e Mott, M.L. (1998). Recônditos do mundo feminino. Em F. Novais e N. Sevcenko (coord.) *História da vida privada no Brasil. República: Belle époque à era do rádio* (vol. 3, pp. 367-421). São Paulo: Companhia das Letras.
- Mauss, M. (1974). Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do "EU". Em M. W. Barbosa de Almeida e L. Puccinelli (trad), *Sociologia e antropologia* (vol. 1, pp. 208-241). São Paulo: EPU/Edusp. (Trabalho original publicado em 1938).

- Meyer, L. (2004). A filha de Teófilo. Em Sociedade de Psicanálise de São Paulo, *Em memórias: Virgínia Leone Bicudo, Yutaka Kubo, Adheleid Koch*, (vol. 2, pp. 17-19). São Paulo: Autor.
- Montagna, P. (1994). Psicanálise e Psiquiatria. Em L. Nosek (org.). (1994). *Álbum de família: Imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo* (pp. 29-38). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moretzsohn, M. Â. G. (2013). Uma história brasileira. *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 209-229.
- Nosek, L. (org.). (1994). *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nosek, L. (2017). Dentro da psicanálise, dentro da cultura. *Revista Brasileira de Psicanálise: Febrapsi, 50 anos*. (Número comemorativo), 69-86.
- Novais, F. (coord.). (1998). *História da vida privada no Brasil*. (vol. 1-4). São Paulo: Companhia das Letras.
- Oliveira, C. L. M. V. (2005). *História da psicanálise – São Paulo (1920 – 1969)*. São Paulo: Escuta.
- Perestrello, M. (1992). *Encontros: Psicanálise & Rio de Janeiro: Imago*
- Pessanha, A. L. S. (2017). Introducción a la vida y obra de Virgínia Leone Bicudo (1910-2003). Em N. L. Pieczanski, (ed.) e A. Pieczanski, (ed.). (2017). *Los pioneros del psicoanálisis sudamericano: una guía esencial*. Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 2014).
- Rocha, T. e Haudenschild, L. (2004). Modernismo, mulher e psicanálise. Em Sociedade de Psicanálise de São Paulo, *Em memórias: Virgínia Leone Bicudo, Yutaka Kubo, Adheleid Koch* (vol. 2, pp. 63-71). São Paulo: Autor.
- Rounaet, S. P. (2017). *O impacto da psicanálise na cultura e da cultura na psicanálise*. *Revista Brasileira de Psicanálise: Febrapsi, 50 anos*, (Número comemorativo), 34-53.
- Sagawa, R. Y. (1994). História da Sociedade de Psicanálise de São Paulo. Em L. Nosek (org.) *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo* (pp. 15-28). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sagawa, R. Y. (2001). Durval Marcondes. Em R. Y. Sagawa, *Pioneiros da psicologia brasileira* (vol. 11). Rio de Janeiro: Imago.
- Sandler, P. C. (2004). Tia Virgínia e o desenvolvimento: Algumas memórias para o futuro. Em Sociedade de Psicanálise de São Paulo, *Em memórias: Virgínia Leone Bicudo, Yutaka Kubo, Adheleid Koch* (vol. 2, pp. 28-43). São Paulo: Autor.
- Sevcenko, N. (1992). *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, S. (1986). *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega. (Trabalho original publicado em 1976).
- Silva, T. N. R. T. (2017). Homenagem a Felix Gimenes. *Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsB)*. *Associação Livre*, 8, 24-25.
- Sociedade de Psicanálise de São Paulo (2004). *Em memórias: Virgínia Leone Bicudo, Yutaka Kubo, Adheleid Koch*. São Paulo: Autor.
- Teperman, M. H. I. e Knopf, S. (2011). Virgínia Bicudo: Uma história da psicanálise brasileira. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 65-77.